

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2024

ANO 9 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ZABY

“Poesia não é só o texto, é a performance”

O desabafo de Zaby virou poesia, ocupa as batalhas de slam e pode mudar a vida do "gurizinho" da periferia

Repórteres: Matheus Carvalho e Yago Franzoni

Isabela Salvino, conhecida como Zaby, 20 anos, é poeta marginal, slammer, grafiteira, apresentadora da Batalha Nova Era e modelo. Nascida e criada na zona norte de Ribeirão Preto (SP), cresceu no meio da arte, muito por influência de sua família, já que o seu avô, Arquimedes Salvino, era artista plástico e seu pai, Cleber Salvino, é musicista e baixista. Slammer há dois anos, Zaby costumava recitar poesia marginal em saraus literários antes de iniciar nas batalhas de poesias faladas. Cada vez mais conhecida no cenário do hip-hop, Zaby representou Ribeirão Preto no Slam SP, se consagrando semifinalista.



Fonte: arquivo pessoal @luhdoclick (Instagram)

MURAL ENTREVISTA – Para uma pessoa leiga que não conhece o slam, de que maneira você convidaria ou apresentaria essa arte?

Zaby – O slam é como se fosse uma batalha de rima, tá ligado? É uma batalha de poesia que consiste em dez ou doze poetas. Você precisa ter no mínimo três poesias autorais de no máximo três minutos. Tem a primeira, a segunda e a terceira fase, que é a final. Quem dá as notas “é” os jurados. Os jurados são escolhidos a dedo [entre pessoas] do público. A nota não tem que ser dada tecnicamente, tem que ser dada do que a poesia te transmitiu. Dali sai um campeão.

Como surgiu o seu interesse pelas batalhas de poesias?

Comecei a fazer poesia marginal sem saber que existiam os slams, tá ligado? Foi nessa questão de já vir de família e eu querer desabafar, falar o que acontecia comigo, na minha vivência. No YouTube, descobri que “existia” os slams. O primeiro slam

que eu participei foi um de São Paulo que veio para Ribeirão, na USP. Eu ganhei, mó da hora. E esse também foi o slam que me deu a oportunidade de competir em São Paulo.

Como funciona o processo criativo de suas poesias?

Normalmente eu escrevo antes, dou um tempo, vou lapidando, recito em saraus. O sarau serve para ver como o público vai reagir à sua poesia, porque a gente tem que atingir o público. A poesia em si não é só o texto, é a performance, a forma que você entrega, tá ligado? A gente precisa testar antes de ir para a competição. Querendo ou não, a gente quer ganhar também, dar o melhor.

Quais os desafios que você e os outros poetas encontram para expressar sua arte em uma sociedade que marginaliza estes movimentos culturais?

A maior dificuldade que a gente tem é não ter a nossa

arte reconhecida. Muitas vezes essas pessoas que nos marginalizam, querem a gente nos locais, dentro da prefeitura, Congresso e tal, só que elas nos marginalizam e não dão o apoio que a gente precisa. Muitas vezes não pagam cachê, não dão alimentação.

Como você enxerga o slam em termos de inclusão social e manifestação cultural?

Eu acho que ele inclui muito, porque lá são diversas pessoas. Nas poesias você ouve sobre tudo, sobre a vivência de cada pessoa, sobre abuso sexual, racismo, transfobia. O slam te dá muito essa liberdade do poeta desabafar de forma artística. É essa questão de desabafo, de você ser ouvido e contar o que você passa e outras pessoas se identificarem com a sua dor.

Você acredita que em algum momento o slam vai ser valorizado pela grande massa?

Eu acredito que sim. Porque em São Paulo isso já acontece. Os poetas marginais de lá são valorizados, não tanto quanto deveriam, mas são. Eles conseguem viver só de ser poeta. Aqui em Ribeirão, a gente ainda não consegue. Por ser uma cidade do interior, bem elitizada, vai demorar um pouco mais. A gente até consegue viver de arte, mas vive na miséria, infelizmente. Passa mês que não tem uma grana, não tem um trampo para fazer.

Na Feira do Livro de Ribeirão Preto de 2024, você participou do Slam 016. Qual é a importância de as batalhas de poesias ocuparem esses espaços?

A importância é mostrar que a gente está na cidade. Todos os dias a gente está na rua. Como que vocês não viram a gente? Como que vocês não ouviram falar da gente? É muito bom ocupar esses lugares educacionais. Teve o Slam Interescolar, que eram crianças bem pequenininhas. Ainda mais por ocupar o Teatro Pedro II, que é um local muito elitizado. Foi a primeira vez que um evento marginal pisou lá. É muito louco ter pessoas pretas se apresentando lá para mostrar que a gente existe na cidade.

Em Ribeirão Preto, há algumas batalhas de poesias muito importantes. Como esses movimentos contribuem para a formação de jovens da periferia?

A importância do slam para a cultura marginal é mostrar para ele que tem outro caminho. Você não precisa estar na esquina vendendo droga. Diversas vezes, a gente já se deparou com gurizinho de 14 anos que antes vendia droga e hoje em dia está sendo MC, fazendo poesia. Eu acho que essa relação da arte com a periferia ajuda muito. **Como foi participar do Slam SP?**

Participar do Slam SP foi uma experiência única. Serviu para que eu superasse minhas expectativas sobre o meu eu artístico, saca? E também sentir a energia dos outros poetas, principalmente os do interior que nós acolhemos. Treinamos poesias juntos, uma troca de energia muito boa. Consegui ser semifinalista e também presenciei o Psiul chegar na final e me representar, porque além de ser meu amigo pessoal, é uma das minhas maiores referências na poesia marginal.

Qual é a importância de mulheres, pessoas pretas e da comunidade LGBTQIAPN+ pertencerem a um movimento que dá voz e liberdade de expressão?

Dentro do hip-hop, as pessoas LGBTQIAPN+ são desvalorizadas e meio invisibilizadas, mas no movimento do slam, elas predominam, principalmente as pessoas pretas. São sempre as que estão no pódio, as que ganham. Hoje em dia são os que mais agregam ao slam, as que mais ocupam. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)